

***Winela emwali*: análise dos valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e a sua relação com a tolerância à violência doméstica**

Rafael Armando Benzane *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-6752-1819>

RESUMO

Os ritos de iniciação constituem uma instituição de estabelecimento de relações sociais nas sociedades tradicionais, com particularidade na zona norte do país. Em Moçambique, os ritos de iniciação femininos têm sido associados por alguns estudos aos casamentos prematuros, às gravidezes na adolescência e à evasão escolar, colocando-se também a questão da sua relação com a tolerância à violência doméstica. A presente pesquisa objetiva compreender a relação entre determinados valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e a tolerância à violência doméstica na Ilha de Moçambique. O estudo adoptou uma abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, estudo de caso e entrevistas semiestruturadas a interlocutores religiosos, tradicionais, comunitários e institucionais ligados ao tema. Segundo o depoimento recolhido junto do Gabinete de Combate à Violência Doméstica, a maioria das vítimas que aí apresenta denúncia situa-se entre os 18 e os 25 anos, verificando-se também desistências de denúncias e reduzida comunicação de casos às autoridades, atribuídas, entre outros aspectos, a factores familiares, religiosos, culturais, sociais e económicos. Os depoimentos recolhidos sugerem que determinados ensinamentos relacionados com submissão, paciência e deveres conjugais podem estar associados à tolerância de situações de violência. Conclui-se, assim, que os dados qualitativos apontam para uma relação percebida entre certos valores transmitidos nos ritos e a tolerância à violência doméstica no contexto estudado, sem permitirem estabelecer uma relação causal generalizável a outras comunidades ou regiões.

PALAVRAS-CHAVE

Ilha de Moçambique; ritos de iniciação; mulheres; violência doméstica.

***Winela emwali*: analysis of the values transmitted to girls in initiation rites and their relationship with tolerance of domestic violence**

ABSTRACT

Initiation rites constitute an institution for establishing social relationships in traditional societies, particularly in the north of the country. In Mozambique, some studies have associated female initiation rites with early marriage, teenage pregnancy and school dropout, while also raising the question of their relationship with tolerance of domestic violence. This research aims to understand the relationship between certain values transmitted to girls during

* Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique, E-mail: benzanerafael884@gmail.com

initiation rites and tolerance of domestic violence on the Island of Mozambique. The study adopted a qualitative approach, combining bibliographic research, a case study and semi-structured interviews with religious, traditional, community and institutional interlocutors connected with the topic. According to the testimony collected from the Office for Combating Domestic Violence, most victims who report cases there are aged between 18 and 25; withdrawals of complaints and limited reporting to the authorities were also described and attributed, among other aspects, to family, religious, cultural, social and economic factors. The testimonies collected suggest that certain teachings related to submission, patience and marital duties may be associated with tolerance of situations of violence. The study therefore concludes that the qualitative data indicate a perceived relationship between certain values transmitted during the rites and tolerance of domestic violence in the context studied, without establishing a causal relationship that can be generalized to other communities or regions.

KEYWORDS

Island of Mozambique; initiation rites; women; domestic violence.

Winela emwali: mikhongelo yi humeseriwe eka vanhwanyana eka mikhongelo ya ku sungula na vuxaka bya vona na ku tiyisela mahungu ya le kaya exihla ka Mozambique

NKOMISO

Minkhuvo yo sungula yi vumba nhlango wo simeka vuxaka bya ntshamisano eka miganga ya ndhavuko, ngopfungopfu en'walungwini wa tiko. E Mozambique, mihivahivana yo sungula vavasati yi voniwa hi van'wana tani hi xivangelo lexikulu xa vukati bya ka ha ri na nkarhi, ku tika ka malembe ya kondlo-a-ndzi-dyi na nhlayo ya ku tshika xikolo. Xana mihivahivana yo sungula vavasati na yona yi ni vutihlamuleri byo tiyisela madzolonga ya le mindyangwini? Ndzavisiso lowu wu kongomisa ku twisisa nkucetelo wa mikhuva yo sungula eka maendlelo ya madzolonga ya le mindyangwini na ku tiyisela ka wona. Nkambisiso lowu wu sekeriwe eka xiphiqo xa leswaku madzolonga ya le mindyangwini eka vavasati eXihlalani xa Mozambique ya katsa vantshwa va malembe ya 18 ku ya eka 25 lava endleke mihivahivana yo sungula. Ndzavisiso wu amukerile endlelo ra xiyimo, hi ku tirhisa mimbulavurisano leyi kongomisiweke eka varhangeri va vukhongereri, ndhavuko na mfumo. Nkambisiso wu kumile leswaku nhlayo leyikulu ya vahlaseriwa va madzolonga ya le mindyangwini yi le xikarhi ka 18 na 25 wa malembe hi vukhale, naswona, hambi leswi valawuri va mfumo na va vaaki va endleke matshalatshala yo hangalasa Nawu wa Nomboro ya 29/2009, milandzu leyi a yi vikiwi ngopfu eka PRM kumbe yin'wana vulawuri hikwalaho ka swilo swo hambana-hambana, ngopfu-ngopfu swa vukhongereri. Dyondzo yi gimete hi leswaku ku tiyisela madzolonga ya le mindyangwini eka vavasati eXihlalani xa Mozambique swi kuceteriwa hi mimpimanyeto leyi hundziseriwaka eka vanhwanyana eka minkhuvo yo sungula na hi swilo swa vukhongereri, tanihileswi mimpimanyeto leyi yi endlaka leswaku vavasati va rhula eka swiendlo leswi swa madzolonga.

MARITO YA NKOKA

Xihlala xa Mozambhiki; minkhuvo yo sungula; vavasati; madzolonga ya le mindyangwini.

1. Introdução

Os ritos de iniciação são compreendidos como um complexo educacional de aprendizagens que marca a mudança de status de um indivíduo dentro da sua comunidade, exercendo grande influência na construção da personalidade e na organização da comunidade.

Em Moçambique, os ritos de iniciação são praticados exclusivamente nas zonas centro e norte do país (Osório, 2015), sendo que os ritos de iniciação femininos são vistos por alguns como a principal causa dos casamentos prematuros, das gravidezes na adolescência e das taxas de evasão escolar, questionando-se se também são responsáveis pela tolerância à violência doméstica.

Para Machava (2019), alguns valores transmitidos às raparigas nos ritos suscitam comportamentos que, quando internalizados dogmáticamente, promovem as desigualdades sociais entre os homens e as mulheres, podendo influenciar o modo como elas viverão as relações de género. Segundo Osório (2015), uma rapariga que tenha sido sujeita aos ritos é preparada para servir; este serviço vai desde a realização dos trabalhos domésticos, principalmente os que estão diretamente relacionados com o bem-estar dos homens. À luz destes contributos, o presente estudo parte da hipótese de que determinados ensinamentos podem favorecer atitudes de submissão e de preservação do casamento que, em certos contextos, se relacionem com a tolerância à violência doméstica.

A violência doméstica é um problema global e, em comunidades moçambicanas, constitui uma forma extrema de desigualdade de género, afetando um grande número de mulheres. Apesar de as mulheres constituírem a maioria da população moçambicana, representando cerca de 52% da população total, segundo os dados do último censo populacional e de habitação (INE, 2017), e de desempenharem um papel fundamental na sociedade, são vítimas de violência doméstica exercida pelos homens. Entretanto, como afirma Osório (2015, p. 4), “O incumprimento do que é tomado como respeito é apresentado como argumento para a violência doméstica, porque significa transgressão à aprendizagem ritual.” Nos

argumentos do autor e no contexto da violência doméstica na zona norte do país, considera-se que os homens perpetuam a violência como uma forma de correção da mulher quando esta perde o respeito. Neste enquadramento, coloca-se a hipótese de que determinados valores transmitidos nos ritos possam relacionar-se com a tolerância à violência doméstica, a par de factores religiosos, culturais, sociais e económicos associados à decisão de apresentar ou não queixa.

A presente pesquisa é de âmbito distrital e tem como critério espacial a zona insular da Ilha de Moçambique, no distrito da Ilha de Moçambique, província de Nampula. O interesse em estudar os valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e a sua relação com a tolerância à violência doméstica na Ilha de Moçambique surge após a reflexão sobre o provérbio inserido em canções executadas nos ritos de iniciação da cultura Yao, *Vamasyeeto lipikanilo, vakunganya kukaamwa* (a mulher é o ouvido, o marido é a boca), que, segundo Machava (2019, p. 10), “Num discurso metafórico, essencialista, o provérbio aconselha a mulher a não intervir nas decisões da casa, incutindo nela a ideia de que o poder de decisão é masculino.”

A tolerância a situações de violência contra as mulheres tem sido associada a vários factores, entre os quais a dependência económica e aspectos culturais. Neste âmbito, alguns estudos relacionam determinados valores transmitidos nos ritos de iniciação, como o respeito e os deveres conjugais atribuídos à mulher, com as relações de género. Chirindza (2015, p. 14) refere: “Nestes ritos são transmitidos às raparigas os conhecimentos relacionados com os seus papéis e noções de sexualidade, sempre realçando as suas obrigações para com os homens.”

Face ao cenário apresentado e ao tema, emerge a seguinte questão de partida: *existe uma relação entre os valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e a tolerância à violência doméstica?*

2. Ritos de iniciação

Os ritos integram um conjunto padronizado e organizado de atividades no qual as sociedades se expressam por meio de símbolos, com vista a transmitir valores e comportamentos que são pilares da organização e continuidade da sociedade em alusão. Segundo Braço (2008, p. 76):

A expressão “ritos de iniciação” não é uma denominação conhecida pelas pessoas que realizam essas práticas, ela foi concebida pelos observadores externos e estudiosos dessas práticas. Os seus praticantes usam outros nomes, que se traduzidos literalmente das suas línguas para a língua portuguesa ter-se-ia uma variedade de designações conforme a diversidade de grupos sociolinguísticos existentes.

O autor acima citado afirma que os seus praticantes usam outros nomes não só devido à diversidade linguística desses povos, mas também à diferença cultural existente. Por exemplo, na província do Niassa, os ritos denominados de iniciação são conhecidos como *unyago wa n'soondo*; em contrapartida, entre os Makhuwa, na província de Nampula, os ritos recebem vários nomes de acordo com a sua finalidade. Os femininos, por exemplo, são conhecidos como ***Winela emwali*¹**.

Entretanto, segundo Pedro (2020), o estudo dos ritos foi introduzido por Van Gennep, que mostrou que os ritos constituem as etapas que definem novas identidades para uma pessoa e novos papéis que podem ser desempenhados no grupo de pertença, consciencializando-a sobre os direitos e valores do grupo social.

De acordo com Segalen (2000) apud Pinto (2017), o termo rito deriva do termo *ritus*, que significa ordem prescrita, e a sua etimologia remete a análise para a ordem do cosmos, a ordem das relações entre os deuses e os homens e a ordem entre os homens. Pinto (2017, p. 23) aponta que "Constituindo-se como um conjunto de atos formalizados, os ritos são entendidos como o conjunto de certos comportamentos, individuais ou coletivos, com carácter repetitivo e forte carga simbólica para os intervenientes e testemunhas."

O argumento de Pinto (2017), ao referir um conjunto de comportamentos com carácter repetitivo, faz emergir uma questão de reflexão: será possível formalizar novos dogmas para serem ensinados nos ritos de iniciação?

Osório (2015) considera os ritos de iniciação, no contexto moçambicano, como instituições culturais em que as crianças do sexo feminino e do sexo masculino aprendem a distinguir-se e a adoptar práticas que lhes condicionam o acesso a direitos. Porém, Durkheim (1978) apud Dias (2009) afirma que os ritos nascem nos grupos e que as suas funções são fazer emergir, manter ou recriar certas ideias atreladas à religião desses mesmos grupos. Em

¹ Winela emwali é o nome que designa os ritos de iniciação femininos praticados pelos Makhuwa's na região norte de Moçambique.

consonância com os autores acima citados, os ritos de iniciação estão ligados à religião presente em cada cultura, como exemplificam os ritos dos Makhuwa (Nampula) e do povo Yao (Niassa), ligados à religião islâmica.

3. Ritos de iniciação no contexto dos makhuwa

A diversidade cultural das comunidades que praticam os ritos de iniciação permite que essas práticas estejam inseridas em contextos específicos, de acordo com a organização, as necessidades e os hábitos culturais da comunidade. No contexto dos Makhuwa, os ritos de iniciação femininos, conhecidos como *Winela emwali*, inscrevem-se numa ótica de continuidade dos ensinamentos da cultura, do bom comportamento e das vivências na comunidade. Segundo Nhaueleque (2020), a primeira transmissão ótica do bom comportamento é feita diariamente pela mãe, e os ritos, por sua vez, vão consistir num pano de fundo para uma pessoa jovem, mas já sensibilizada e preparada para receber outros ensinamentos, desta vez por obra de mulheres externas à mãe, que a irão introduzir na vida adulta.

Para que uma rapariga seja submetida a *Wineliwa emwali*, Nhaueleque (2020) diz que é necessário e indispensável que ela tenha a *wona mweri* (menarca). Enquanto o dia das cerimónias não chega, os familiares vão criando todas as condições necessárias, desde comida, bebidas e roupas até à construção de cabanas onde irão decorrer as cerimónias.

Os ritos femininos, segundo Nhaueleque (2020), duram duas noites e três dias. Os aconselhamentos só acontecem ao longo da noite, enquanto durante o dia as pessoas dormem, porque tal opção se deve ao fato de os ensinamentos transmitidos serem considerados sagrados e, portanto, exigirem calma, tranquilidade, silêncio e concentração; funciona, assim, como forma de respeito pela herança dos antepassados. A transmissão dos conhecimentos durante os rituais é feita por meio da música, ou seja, de forma cantada e acompanhada por dança, dividindo-se o grupo em dois coros. Os ensinamentos ligados aos ritos consistem em explicar o que é a menstruação, como cuidar da saúde, qual o comportamento perante os homens, como se vestir e como cuidar do lar, incluindo noções de educação da sexualidade feminina, ou seja, o conhecimento do corpo da mulher, bem como a proibição do incesto e do adultério, em geral.

3.1. Ritos de iniciação femininos praticados pelos makhuwa da ilha de moçambique²

Na Ilha de Moçambique, os ritos de iniciação começam com a puberdade. Numa primeira fase, após a puberdade, duas mulheres, nenhuma das quais seja a mãe, conversam com a rapariga: *"não podes ficar assustada isso é normal, não é nenhuma doença"*³.

Na segunda fase dos ritos femininos, a mãe tem a missão de anunciar à família e às amigas que a sua filha já cresceu e que, dentro de algum tempo, irá aos ritos de iniciação. Nesse momento, a mãe começa com os preparativos, a compra de roupas e de todo o material necessário para a cerimônia. A cerimônia é denominada *Winela*, durante a qual é incutido na mulher o respeito que deve ter na sociedade. Nessa fase, não lhe transmitem nenhuma informação acerca dos homens.

Na terceira fase, denominada *ocinqueia*, a rapariga é preparada para o casamento, sendo-lhe transmitidos todos os aspectos inerentes ao tratamento que deve ter com o marido. Além disso, a mulher já tem permissão para participar em funerais e é ensinada sobre as formas de tratar o corpo de um morto: *"quando se falam de coisas de mulheres adultas ela já pode fazer parte, para ela não existe mais uma cortina que a impede de participar nas coisas dos adultos"*⁴. Após a terceira fase, ela está preparada para casar.

4. Violência contra a mulher: conceito, formas e tipos

A violência contra a mulher é um tema que ganhou grande visibilidade e suscitou discussões no mundo acadêmico e social após os movimentos feministas do século XX. Desde então, vários são os conceitos que definem a violência contra a mulher. Assim, na visão de Casique e Furegato (2006), a violência refere-se às noções e ao uso da superioridade física sobre o outro. A Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) consideram a violência contra a mulher uma forma extrema de desigualdade de gênero. Estima-se, segundo (Ruschel, Machado, *et al.*, 2022,

² Texto sem referência, texto adaptado dos dados da entrevista de campo.

³ A passagem aqui destacada foi pronunciada pela anciã, na Ilha de Moçambique.

⁴ A passagem aqui destacada foi pronunciada pela anciã, na Ilha de Moçambique.

p. 3), que "uma em cada três mulheres no mundo sofreu violência por parceiro íntimo ou violência sexual em algum momento de sua vida."

Pela variedade de autores que abordam o fenômeno da violência contra a mulher, um dos conceitos mais aceites é o da Declaração das Nações Unidas sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher, que conceitua a violência contra a mulher como qualquer ato de violência de gênero que causa dano físico, sexual ou mental à mulher, incluindo a ameaça de tais atos, coerção ou privação arbitrária da liberdade, quer ocorra na vida pública ou privada. A ONU, ao conceituar a violência que causa danos à mulher, reconhece que:

A violência contra as mulheres constitui uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que conduziram ao domínio e à discriminação das mulheres por parte dos homens e impediram o progresso pleno das mulheres, e que a violência contra as mulheres constitui um dos mecanismos sociais fundamentais através dos quais as mulheres são forçadas a assumir uma posição de subordinação em relação aos homens (ONU, 1993)

A violência doméstica está relacionada a questões históricas que colocam o homem diante da mulher como superior, e essa visão foi transmitida de geração em geração, razão pela qual, até hoje, nos ritos de iniciação femininos e masculinos, é transmitida a imagem da figura masculina como superior. Nessa relação de superioridade, a figura masculina é conduzida à violência e à discriminação da mulher por vários fatores. Entretanto, alguns teóricos, como Coelho et al. (2014), referem-se às raízes sociais da violência como resultantes dos efeitos disruptivos dos acelerados processos de mudança social, provocados, sobretudo, pela industrialização e urbanização, o que pode ser verdade considerando a abordagem de Casique e Furegato (2006), ao dizer que a violência é mutante, pois sofre a influência de épocas, locais, circunstâncias e realidades muito diferentes.

4.1. Violência contra a mulher em Moçambique

Moçambique, através do Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher, indica que, na maioria dos casos, as vítimas de violência não apresentam queixa nos órgãos de justiça e não aceitam a instauração do processo-crime contra os perpetradores deste mal social. Quando apresentam queixa, procuram somente a reposição da ordem no casamento. Em geral, a maioria das mulheres procura a solução dos seus

problemas ao nível comunitário, com recurso aos familiares, vizinhos, padrinhos de casamento e anciões.

5. Metodologia

Para a realização da presente pesquisa, foi fundamental recorrer a uma abordagem qualitativa. Quanto à natureza, a pesquisa foi básica e, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 34), "Objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais."

Quanto aos objetivos, a pesquisa foi orientada através do método de pesquisa exploratória que, segundo Gil (2007) apud Gerhardt e Silveira (2009), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como pesquisa bibliográfica e estudo de caso. O objetivo desse método, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 188), é a "formulação de questões ou de um problema."

Quanto aos procedimentos, a pesquisa foi dirigida, numa primeira fase, mediante a pesquisa bibliográfica que, segundo Fonseca (2002) apud Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), "A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites."

Na segunda fase, o estudo orientou-se mediante a pesquisa de campo e o estudo de caso. Segundo Fonseca (2002) apud Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), "A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)"

Para este estudo, foi necessário o uso de três (3) tipos de instrumentos de recolha de dados. Para os dados secundários, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e à pesquisa eletrônica. A pesquisa bibliográfica, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 69), "Fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma

modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas."

A pesquisa eletrônica, na visão dos mesmos autores, é constituída por informações extraídas de endereços eletrônicos, disponibilizadas em home pages e sites, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais, etc.

Para a recolha dos dados primários, foi necessário recorrer à entrevista semiestruturada. A entrevista é definida por Gerhardt e Silveira (2009) como uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Na entrevista semiestruturada, o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. A análise incidiu sobre os depoimentos das categorias de interlocutores apresentadas nos resultados – liderança religiosa, anciã, lideranças comunitárias e Gabinete de Combate à Violência Doméstica –, organizados segundo os objetivos do estudo. Por se tratar de um estudo de caso qualitativo, os resultados expressam percepções e testemunhos situados no contexto estudado e não permitem, por si só, estabelecer relações causais generalizáveis.

5.1. Análise e interpretação de dados

Na presente secção, apresentam-se os resultados obtidos no campo durante as entrevistas com os líderes que lidam com o tratamento dos ritos de iniciação na Ilha de Moçambique. Importa esclarecer que os resultados estão agrupados de acordo com os objetivos que orientaram o estudo.

5.1.1. Papel social e religioso dos ritos de iniciação na zona insular da ilha de Moçambique

O líder religioso entrevistado abordou o papel social e religioso dos ritos de iniciação na zona insular da Ilha de Moçambique, dizendo que: *"os ritos na ilha de Moçambique têm o papel social de aconselhamento aos jovens para que possam manter a sua saúde em bom estado, para terem o respeito com os*

Rafael Armando Benzane, Winela emwali: análise dos valores transmitidos às rapa outros membros da comunidade, sobretudo o respeito por ele" (indivíduo submetido aos ritos).

Em específico, os ritos de iniciação femininos na Ilha de Moçambique, no seu papel social, começam com a primeira menstruação da mulher; a principal finalidade é ensinar a rapariga sobre a higiene pessoal em relação ao período menstrual da mulher. Quanto ao papel social dos ritos de iniciação, Marcos (2021, p. 190) diz que:

Além da educação da família e do grupo, os ritos de iniciação têm um papel preponderante na instrução e educação da criança; abordam os aspectos da vida social; os valores culturais, costumes e tradições; uma educação para a vida adulta, mostrada pela instrução a qual o menino ou a menina é submetida.

Os ritos de iniciação femininos na Ilha de Moçambique têm como seu papel religioso a mudança de comportamentos da rapariga, sobretudo os que têm a ver com questões espirituais. O entrevistado frisou que: *"Se existe algo que a religião é capaz de fazer é a mudança de comportamento nas pessoas"*. A religião tem o papel de fortificar e moldar a rapariga porque, quando chega a essa fase, ela é considerada "adulta"; ou seja, a atitude que a rapariga deve tomar daí em diante, após os ritos de iniciação, deve ser diferente daquela que será tomada por uma rapariga que ainda não foi submetida aos ritos.

Nesta mesma categoria, o líder foi questionado sobre se os ritos de iniciação influenciam a tolerância à violência doméstica. O líder respondeu que os ritos de iniciação aceleram a violência doméstica, com destaque para a violência sexual, e realçou a existência de diferenças entre os ritos de iniciação conduzidos na Ilha insular e na Ilha continental. Na Ilha continental, o rapaz é incentivado a colocar-se como superior, sendo-lhe ditas palavras como: *"você é homem, você é dono da casa e você é quem manda"*. Essas expressões incentivam a ocorrência da violência doméstica (geralmente, a violência não é física, mas sim psicológica). Ao contrário, à rapariga é dito que deve aceitar ser submissa, ocorrendo expressões como: *"você é mulher e deve aceitar tudo, pelo seu bem, pelo seu futuro, o seu marido é quem te alimenta"*. Isto é confirmado por Osório (2015), ao argumentar que uma rapariga que tenha sido sujeita aos ritos é preparada para servir. Assim, a mulher, ao sair dos ritos, internaliza que o seu futuro marido é um ser superior em relação a ela e que lhe deve todo o respeito e submissão, conforme refere Machava

(2019), segundo a qual alguns valores transmitidos às raparigas nos rituais suscitam comportamentos que, quando internalizados dogmaticamente, promovem as desigualdades sociais entre os homens e as mulheres.

5.1.2. Valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e sua relação com a tolerância à violência doméstica

Segundo a anciã entrevistada, determinados valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação podem influenciar a tolerância à violência doméstica. O depoimento recolhido sugere uma relação entre certos ensinamentos e a forma como algumas situações de violência são inicialmente suportadas ou encaminhadas no contexto familiar: *"um dos ensinamentos que elas recebem é ter paciência, na primeira porada ela deve ser submissa, deve tentar pacientar. Em casamento você tem que ter paciência, não é logo na primeira porada sair e queixar, você tem que ver se há uma regularidade nesse acto, depois dela constatar que sim ela pode sair e falar com os seus pais e, os pais da mulher tem o dever de conversar com o marido, nessa conversa sempre lhe é dito que se não gostas mais da nossa filha é melhor a trazer de volta a nossa casa."*

Questionada sobre se, durante os ritos de iniciação na Ilha de Moçambique, as raparigas são conscientizadas sobre os seus direitos, a anciã respondeu: *"A mulher é conscientizada acerca dos seus direitos nos casamentos em uma margem de 40%, os outros 60% lhe é transmitida os seus deveres para com o homem, fala-se mais do homem em relação a ela, como uma forma de incutir o medo na mulher."*

De acordo com o argumento acima, nos ritos femininos, as mulheres aprendem mais acerca dos homens do que acerca dos seus próprios direitos. Chirindza (2015, p. 14) diz que "Nestes ritos são transmitidos às raparigas os conhecimentos relacionados com os seus papéis e noções de sexualidade, sempre realçando as suas obrigações para com os homens." A rapariga sai dos ritos de iniciação sabendo que a sua vida será a de agradar ao seu marido; conforme citado por Osório (2015), as raparigas sabem que o seu destino e a sua vida são condicionados pela vontade masculina: ele é o chefe da família e o seu dono.

5.1.3. Papel dos líderes comunitários e do gabinete de combate à violência doméstica na conscientização e prevenção dos direitos da mulher

Através da entrevista feita aos líderes comunitários e ao Gabinete de Combate à Violência Doméstica, verifica-se que o papel dos líderes comunitários e do Gabinete é combater a violência doméstica. Porém, existe uma particularidade na forma de combate e de tratamento dos casos de violência doméstica entre as duas autoridades.

Os líderes comunitários desempenham o papel de conscientizar a população através de reuniões e palestras nas mesquitas e têm o papel de reencaminhar as vítimas ao Gabinete, por escrito.

O Gabinete desenvolve palestras de divulgação da lei 29 de setembro de 2009 (lei sobre a violência doméstica). As palestras são transmitidas na rádio e realizadas em escolas, igrejas e na comunidade, junto dos líderes comunitários. Questionado acerca das causas da violência doméstica contra a mulher, o Gabinete respondeu: *"na minha opinião as causas da violência doméstica contra a mulher são várias, mas as mais comuns são a pobreza (as mulheres são sujeitas a esse ato pelo simples facto de serem pobres, por serem mães tendem de a sofrer a violência [em silencio]). A Religião (o Islão é a religião dominante na região da Ilha de Moçambique) por causa da religião as mulheres acabam por entregar tudo nas mãos de Allah, as mulheres da região tendem a ser violentadas e ficam em silêncio como forma de salvaguardar os preceitos religiosos."*

Para discutir e corroborar o trecho acima, Casique e Furegato (2006) explanam que a violência é mutante, pois sofre a influência de épocas, locais, circunstâncias e realidades muito diferentes.

Segundo o Gabinete, na região da Ilha de Moçambique, a maioria dos casos não é reportada devido a fatores religiosos. As vítimas que chegam a denunciar os casos são as mesmas que, momentos depois, deles desistem, geralmente influenciadas pela família, que profere palavras como: *"somos uma família, vamos nos entender, era somente para ele aprender a lição e já está avisado"*.

Em concordância com o Gabinete, o Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher diz que, na maioria dos

casos, as vítimas de violência não apresentam queixa nos órgãos de justiça; quando apresentam queixa, procuram somente a reposição da ordem no casamento.

Questionado o Gabinete acerca da frequência com que são reportadas às autoridades denúncias de casos de violência doméstica e acerca da idade das vítimas, respondeu: *"Todos os dias são apresentadas denúncias de casos de violência doméstica. O número tem variado, desde 1 caso por dia a até mais de 02 casos. A maioria das vítimas da violência tem uma idade compreendida entre os 18 anos 25 anos"*. Questionado sobre se os ritos de iniciação são um empecilho no combate à violência doméstica, o Gabinete respondeu: *"Sim os ritos contribuem na tolerância a violência doméstica. Mas em um contexto limitado, não em todas as regiões"*.

Conclusões e sugestões

Alguns valores, quando internalizados e tomados como normas rígidas, podem orientar comportamentos e também funcionar como mecanismos de desigualdade. No contexto analisado na Ilha de Moçambique, os depoimentos recolhidos associam determinados ensinamentos transmitidos nos ritos de iniciação – sobretudo os relacionados com submissão, paciência e deveres conjugais – à forma como algumas mulheres lidam com situações de violência doméstica. Esta associação deve ser entendida no âmbito do estudo de caso e das percepções dos interlocutores entrevistados.

O estudo averiguou que foram traçadas estratégias para combater a violência e incentivar a denúncia. Nesse sentido, o Gabinete de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica desenvolve palestras de divulgação da lei 29 de setembro de 2009 na rádio, nas escolas, nas igrejas e na comunidade, junto dos líderes comunitários. A comunidade islâmica criou a equipe de mediação de conflito no casamento.

Os resultados qualitativos sugerem que, no contexto estudado na Ilha de Moçambique, determinados valores transmitidos nos ritos de iniciação podem contribuir para a internalização de normas culturais associadas à desigualdade de género e à tolerância de situações de violência doméstica. Os depoimentos também apontam para a importância da consciencialização sobre os direitos das mulheres e para a influência de fatores familiares, religiosos, culturais, sociais e económicos. Estas conclusões reportam-se às percepções

recolhidas no estudo de caso e não demonstram, por si só, uma relação causal generalizável entre os ritos de iniciação e a violência doméstica.

Referências

- Braço, Antônio D. *Educação pelos ritos de iniciação: Contribuição da tradição cultural mse-sena ao currículo formal das escolas de Moçambique*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2008.
- Casique, Leticia C.; FUREGATO, Antonia R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Latino-am Enfermagem*, 2006.
- Chirindza, Liendina J. *Crianças Yao e Ritos de Iniciação: Caminhos para o Casamento Prematuro?* Monografia (Licenciatura). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane – UEM, 2015.
- Coelho, Elza B. S.; Silva, Anne C. L. G. D.; Lindner, Sheila R. *Violência: definições e tipologias*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- Dias, Patrícia Regina Corrêa. Ritos e rituais - vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade. *VIDYA*, v. 29, n. 2, p. 71-86, 2009.
- Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo (orgs.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- INE. *Censo Geral da População*. Maputo. 2017
- Machava, Paula Lúcia Salvador. Santos ou Diabos: uma reflexão sobre os ritos de iniciação femininos e a opressão da mulher. *Cabo dos Trabalhos*, n. 17, 2019.
- Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.
- Marcos, Daniel A. Os ritos de iniciação na cultura yao e o impacto na pedagogia educativa no Niassa-Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, v. 1, p. 183-199, 2021.
- Ministério do Gênero, Criança e Ação Social. *Plano Nacional de Ação para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher*. Maputo, p. 31. 2009.

Moçambique. Lei n.º 29/2009, de 29 de Setembro. Lei sobre a Violência Doméstica praticada contra a Mulher. *Boletim da República*, I Série, n.º 38, 2.º Suplemento, 2009.

Nhaueleque, Laura A. www.macua.blogs.com. *Moçambique para todos*, 23 Junho 2020. Disponível em:

https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2020/06/ritos-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-entre-os-amakhuwa-do-norte-de-mo%C3%A7ambique-e-respeito-dos-direitos-humanos.html.

Organização das Nações Unidas. *Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres*. Assembleia Geral das Nações Unidas. 1993.

Organização Pan-americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde. *Violência contra a mulher, estratégia e plano de ação para o reforço do sistema de saúde para abordar a violência contra a mulher*. 67.ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS. Washington, D.C. 2015.

Osório, Conceição. *Os ritos de iniciação: Identidades femininas e masculinas e estruturas de poder*, 2015. Disponível em:

<https://www.wlsa.org.mz/wpcontent/uploads/2015/11/Ritos2015.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.



Pedro, Gilda. *Ritos de iniciação e o processo de ensino-aprendizagem no espaço sociocultural de Moçambique*. Monografia (Licenciatura). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane – UEM, 2020.

Pinto, Sara Maria Xavier. *Casamentos prematuros no contexto dos ritos de iniciação femininos, praticados pela etnia Macua: olhares de finalistas do curso de licenciatura em Serviço Social*. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais). Lisboa: Universidade Aberta, 2017.

Ruschel, Ângela E. et al. Mulheres vítimas de violência sexual: rotas críticas na busca do direito ao aborto legal. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 38, p. 1-12, 2022.

Recebido em: 24/04/2026

Aceito em: 08/09/2026

Para citar este texto (ABNT): BENZANE, Rafael Armando. Winela emwali: análise dos valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e a sua relação com a tolerância à violência doméstica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 3, p.64-80, jun./dez.2026.

To cite this text (APA): Benzane, R. A. (2026). Winela emwali: análise dos valores transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação e a sua relação com a tolerância à violência doméstica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (3): 64-80.

